

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Então, Sr. Noël, nós temos algumas fotografias da entronização do Mito. E, então, vamos trabalhar juntos com as fotografias aqui. Aqui é uma cena da arrumação do Sr. Honoré, antes de ser entronizado Chachá, com o rei Agoli Agho, em Abomé. Eu queria colocar uma questão. Eu estava surpreso de ver que o Sr. Honoré estava vestido de uma maneira tradicional iorubá. Os outros brasileiros, inclusive o senhor, estavam vestidos à moda europeia. Depois da entronização, Chachá estava vestido em europeu também. Por que ele se vestiu como iorubá quando ele foi ao Abomé, foi por acaso, assim?

NOEL DE SOUZA - Justamente, entre nós, na África, cada um pode se vestir como ele quer. Nesse momento aí, ele não estava ainda entronizado. É por isso, ao partir para Abomé, ele se vestiu como quis.

MG - Então, ele quis vestir um *boubou*¹ muito bonito.

NS - Sim.

MG - Tem razão. Ele está ajoelhado diante do rei e do seu lado tem o Sr. Marcelim, que pega as mãos de Chachá e as coloca nas mãos do rei. O que é isso, nesse momento?

NS - Quer dizer que, assim, ele não era ainda o Mitô. Bom, partimos ver o rei, para apresentar aquele que queríamos designar como Mitô. É por isso que, chegando à Abomé, nós o apresentamos ao rei. Logicamente, o rei está em seu trono. Mitô não era ainda Mitô nesse momento aí. Com respeito. Aquele que designamos para apresentar ao rei lhe deve respeito. É por isso que ele está ajoelhado. O rei pega sua mão e Marcelin, pois que até lá ele era o presidente da família De Souza. É por isso que ele pegou a mão do Mitô e deu para o rei.

MG - E o rei, ele aceitou o convite da família De Souza para fazer de Honoré o Chachá VIII.

NS - Exatamente.

MG - É nessa cerimônia que o rei o aceitou.

NS - Sim.

MG - Na próxima cerimônia, o rei vai dar o símbolo do poder.

NS - Sim.

¹ Boubou ou bubu é uma túnica muito comprida, tradicional na África.

MG - E agora o Mitô, Sr. Honoré, pois que ele é o Chachá, ele deve se ajoelhar diante do rei?

NS - Ah, não! Agora acabou, ele é seu amigo.

MG - Ele se apresenta enquanto brasileiro.

NS - Sim.

MG - Será que teve nessa cerimônia algum momento que me escapou?

NS - Nesse momento, eu acho que não. Pois que, uma vez que o rei o aceitou como seu amigo, acabou. É por isso que o rei nos disse que, depois da entronização, nós devíamos ir para Abomé, para que ele nos apresente ao seu reino. Antigamente, Chachá era o vice-rei, nomeado pelo rei de Abomé, em Uidá. Assim, eles são amigos agora.

MG - Tem o rei e o vice-rei. Tem o tambor, o guarda-sol, etc.

NS - Sim.

MG - Está bem. Vamos passar para a próxima fotografia. Esse era o dia da entronização em Uidá, em Singbomey, na casa de Chachá, em um salão, do lado desse quarto onde tem o retrato do Chachá no fundo. E aqui, tem o Mitô que se veste corretamente, com um smoking preto, de gravata e tudo. Do lado dele, tem Marcelim e outros notáveis da família Souza, e tem as *tassinou* [?] que cantam louvores e que levantam as mãos assim, na direção do Mitô. Será que o senhor pode me explicar o que isso quer dizer, na cerimônia?

NS - Bom, nesse momento, as *tassinou* cantam em latim o *Veni Créator*² e imploram a Deus, sobre o Mitô.

MG - Esse latim vem dos católicos. Deixamos de lado a terceira foto. Na quarta foto, tem também as *tassinou* que cantam louvores, e Mitô está sentado. Tem um momento onde elas cantam em latim e levantam as mãos na direção do Mitô. Em outro momento, elas cantam e Mitô está sentado com o Sr. Marcelim e os outros notáveis da família Da Souza. O que eles estão fazendo?

NS - Esses são ainda os louvores da família Souza para aclamar o Mitô.

MG - Eu queria explicações sobre os louvores que gravei. Aqui é em nagô, não é mais em latim, o senhor se lembra?

NS - Não, não é em nagô, é em fom, a língua do país.

MG - Então, entre os De Souza é em fom?

² O “Veni Creator Spiritus” é um hino da igreja católica e outras igrejas cristãs, composto no século IX e cantado em canto gregoriano, no Pentecostes e em outras celebrações litúrgicas, como a coroação de reis; a ordenação de bispos; na entrada dos cardeal quando da escolha de um Papa, etc.

NS - Sim.

MG - Muito bem, porque o Mitô, quando ele veio aqui, ele não falava fom. Ele tinha um intérprete. *Doussou-yovo*, as mulheres que ele “pegou”³, tinham algumas que falavam fom, mina, nagô. Tem De Souza que fala nagô. O senhor mesmo, em vossa família, fala o quê?

NS - Na minha família falo mina com meus filhos.

MG - Porque tem algumas mulheres que são mina. E Chachá fala mina também.

NS - É isso.

MG - Têm os De Souza que falam mina, outros falam nagô, outros fom. Mas a língua da maior parte é o fom?

NS - Sim, é o fom.

MG - E os louvores são em fom?⁴

NS - Sim, os louvores são em fom. E tem canções em fom, e para nossos irmãos do Togo, em mina. Mas raramente em nagô, porque nagô é nos arredores da Nigéria. No Benim falamos fom e mina. No Togo, falamos mina.

MG - Muito bem. Depois, tem a foto numero 5. É sempre a mesma coisa, mas o fotógrafo, eu mesmo, estou atrás, então, vemos uma senhora e é uma das mais velhas das *tassinou*, que coloca a mão sobre a cabeça do Mitô, que tem à sua direita o Sr. Marcelim, e, à esquerda, é o senhor mesmo.

NS - Sim.

MG - O que quer dizer nesse momento a mão aí?

NS - Como é ela a decana das *tassinou*, é ela que é a primeira, que deve colocar a mão sobre a pessoa designada para tornar-se Mitô. Para dar todas as bênçãos.

MG - Então, ela leva todas as bênçãos da família.

NS - Exatamente.

MG - Então, podemos dizer que o poder pertence às mulheres.

NS - Isso.

MG - Precisa me explicar por que o poder é das mulheres.

NS - É porque as mulheres têm um poder enorme de conselho.

³ O verbo pegar foi o usado pelo pesquisador.

⁴ No alto da página, o pesquisador escreveu: “louvores”.

MG - A irmã da mãe não é *tassi*, a prima da mãe não é *tassi*. Então o poder está do lado do pai?

NS - Sim. Então, com suas palavras, suas evocações, isso age sobre o filho. Mesmo se o filho age mal, e que a *tassinou* o maldiz, isso recai sobre a criança. Então, são as mulheres.

MG - Então as *tassinou* têm o poder real ou material. Então, se alguém quer se casar, é com a *tassinou* que ele vai se encontrar. Se a *tassinou* diz que não é bom se casar, acabou.

NS - Sim.

MG - Se ela diz: “O menino é bom”, o pai da menina concorda.

NS - Sim.

MG - É como, entre a gente, o homem tem o poder de dizer: “Sim, querida”. Também ela tem o poder, que não é material, mas um pouco mágico e feiticeiro. Ela detém a energia da família, então ela pode dizer coisas boas, coisas más, e isso toca. Como vem esse poder mágico, dos ancestrais ou o quê?

NS - Sim, são os ancestrais.

MG - Sim, porque as mulheres estão sempre em casa. São elas que mantêm os ancestrais.

NS - Sim, exatamente.

MG - E as *tassinou*, elas são todas Souza ou tem outras ainda?

NS - Elas são todas Souza.

MG - É muito interessante porque tem Souza que são claros, outros escuros, e outros com traços europeus, outros mais robustos.

NS - Sim, isso vem das nossas mães. Eu, por exemplo, e o Mitô, nós somos a quarta geração, temos a tez clara. Aqueles que estão na sétima geração são ainda mais negros. Na medida em que nos casamos com as mulheres africanas, a tez também fica mais escura.

MG - O senhor sabe, a mãe da minha avó, quarta geração passada, ela era africana, escrava no Brasil. Ela teve dois filhos com um português, deu [como resultado] minha avó. Ela teve filhos com um branco brasileiro, mas não português, branco, meu avô. Ele era mestiço índio, como Chachá; e então, deu [como resultado] meu pai. Meu pai era um pouco como o senhor. Meu pai se casou com minha mãe, completamente europeia, branca. Porque o pai dela era português e a mãe dela era espanhola. Então, ela é branca. E deu [como resultado] eu. Eu, eu já sou branco. Ah, falam: “É yovo”. Mas meu filho é loiro. Se ele se casa com uma mulher negra, na terceira geração todo mundo é negro.

NS - É exatamente a mesma coisa. Eu, eu sou um pouco claro, mas aquele que vem depois de mim é negro.

MG - Vosso irmão.

NS - Meu irmão caçula. Até, tem filhos do meu irmão caçula que têm a mesma tez que eu.

MG - Isso pode acontecer. Quer dizer que sua mãe era negra, mas o sangue um pouco branco.

NS - Isso.

MG - Eu, eu tenho irmãos que são muito mais escuros de pele do que eu. Dizem que eles são mestiços africanos. Então, essa senhora aí, como ela chama?

NS - Ela é nossa irmã mais velha, minha e de Mitô. Mas de mãe diferente. Todas são Souza.

MG - Ela é casada?

NS - Sim, ela casada.

MG - O senhor sabe o nome de seu marido?

NS - Seu marido se chama Leroux.

MG - Mas ela manteve o nome Souza.

NS - Sim.

MG - Os Souza mantêm seu nome.

NS - Sim. O senhor verá na foto sua filha mais velha.

MG - A gorda aí. Vamos ver na foto, como ela se chama?

NS - Berthé Leroux, nascida Souza.

MG - Muito bem. Foto número 6, que mostra do lado do túmulo de Chachá, Sra. Berthe, que está de joelhos do lado do túmulo, então, do lado tem o senhor secretário, aquele do Togo. Como ele se chama?

NS - Geoffroy.

MG - Geoffroy de Souza. Do lado de Geoffroy, tem três *tassinou*.

NS - Isso. Essa aqui é a filha mais velha da Bertha, e a outra que está do lado é a irmãzinha da Berthe.

MG - Da mesma mãe?

NS - Não, mesmo pai.

MG - Então, é uma irmãzinha sua e de Mitô.

NS - Sim.

MG - E essa que está de joelhos aqui, ela tem um papel muito importante.

NS - É uma sobrinha nossa. Seu pai e nosso pai são do mesmo pai.

MG - Ela é filha de quem?

NS - De François Paulin de Souza. Ela se chama Generosa.

M: Isso é um pouco brasileiro. O senhor poderia me explicar essa cerimônia?

NS - Justamente, essa cerimônia é uma cerimônia que eu posso qualificar de muito vívida, porque é no túmulo de nosso antepassado mesmo, próximo dele. Estamos lá para rezar e pedir que Mitô tome seu lugar como Chachá VIII. Recitamos rezas apenas católicas ou o quê?

MG - Nós temos...

NS - Sim, na África é isso. Quando imploramos os mortos, utilizamos a água, é como a água benta. Depois, como dizemos que os mortos não são mortos, é preciso alimentá-los, lhes dar alguma coisa como oferenda.

MG - No Brasil, antes de beber uma bebida alcoólica, damos um pouco para os ancestrais, porque ele pode ver através de você. Nós pensamos mais em [?], Xangô.

NS - Exatamente, é isso.

MG - Eu estou interessado pela reza. Elas falam em fom.

NS - Sim, a reza é em fom.

MG - É um pouco como a reza católica, como a Ave Maria.

NS - Exatamente isso, mas em fom.

MG - O Chachá, a família De Souza, tem também o seu templo de fetiche, o Dagoum, isso não influencia nada dentro disso?

NS - Não, absolutamente nada. E mesmo, o Dagoum aí, ele não é seu fetiche. Não, não. Chachá não tem fetiche. Ele não tinha fetiche. São os autóctones de Uidá que lhe atribuíram isso aí para mentir, porque vindo de alto mar os piratas ou outros, eles têm um emblema. Pois bem, Dom Francisco, sob seu barco, ele tinha desenhado um dragão. Quando ele veio para a África, viram isso. Não conheciam isso. Então, eles perguntaram o que era aquilo. Disseram: dragão, dragão. É dragão que converteram em dagoum. A pronúncia. Pois que, na África, tem serpentes, que são os phytons, o dragão, mudaram

ele, como é Dagoum, para o adorar. Ele não tem um fetiche dragão, eles lhe atribuíram isso, como Dagoum. Pois que eles tinham fetiches antes, esses aí, para dançar, eles vieram em seu lugar. Não tem um fetiche, pois que, chegando aqui, seus filhos, para batizá-los, não tinha padres aqui, ele foi buscar padres em São Tomé para vir batizar seus filhos aqui. Os padres portugueses que estão em São Tomé, ele foi buscá-los, só para batizar os seus filhos aqui. Então, isso mostra claramente que ele não tem um fetiche.

MG - Bom deixe-me vos dizer uma coisa. No Brasil, as coisas não são assim tão radicais: ou é pedra, ou é madeira. Nós, lá, nós somos 80% católicos e 80% fetichistas. É todo mundo que faz isso. Isso se passa somente por causa da gente. Os índios, antes dos negros, eles tinham seus fetiches. E os índios tinham o fetiche da serpente. Tinha um culto da serpente que faz proteção, como aqui tem o vodu e o phyton. A serpente lá é maior. Então, não se exclui que Chachá, Dom Francisco, ele era católico, ele era batizado, ele ia à missa completamente, [mas] ele prefere um fetiche que vem do lado de sua mãe. Então, eu, eu creio, isso não é uma historia de historiador. Eu, podemos dizer que ele era católico, mas ele dava de comer aos ancestrais.

NS - Isso nós não podemos. Ele mesmo construiu a capela de Uidá.

MG - Certo, mas ele deu um pouco de dinheiro para os fetichistas.

NS - Exatamente. Eu lhe disse agora pouco que ele chamava os fetichistas que vinham bater à sua porta, para as festas.

MG - Se ele faz capelas, ele diz que é para a proteção de Chachá.

NS - É isso. Foi aí que lhe atribuíram que ele trouxe o Dagoum.

MG - Toda a família têm relações com esse templo aí, porque ele foi entronizado em Singbomey. Então, será que tem alguma coisa a acrescentar aí, pois que eu tinha mostrado algumas cenas da entronização, será que tem outro momento da cerimônia de entronização que eu não percebi aí, que o senhor poderia me dizer?

NS - É bom. Para a entronização, primeiramente, e a *tassinou*, a decana que colocou o chapéu na cabeça de Chachá, para sua coroação, a entronização. Depois, o senhor não filmou essa parte aí.

MG - O chapéu? Sim.

NS - Então, depois Marcelim lhe deu a chave da casa Singbomey. Eu, eu lhe dei a *récade* [?] de comandante, isso é muito importante.

MG - Tenho foto disso.

NS - É nesse momento que ele virou realmente Chachá, substituindo o Chachá VII. Depois disso, é o serviço público.

MG - Tudo isso se passa na casa do próprio Chachá. Só tinha notáveis da família, não tinha o grande público. Depois, passamos ao pátio, com os convidados, fizemos a missa, e isso, isso é para o grande público.

NS - Sim.

MG - Diga-me uma coisa, Sr. Noël. Como o senhor organizou essa cerimônia? Seguindo os costumes?

NS - E posto que bem antes, para designar um Chachá, isso não se faziam de boca à orelha. Primeiramente, para escolher o Mitô, é secreto. Os decanos da família se concentram para apresentar duas ou três pessoas. E é entre esses três que fazemos eleição para escolher. Convocamos o conselho para lhe submeter a escolha – a pessoa mesma não sabe nada. Isso se faz em segredo. Agora, convocamos uma reunião, uma assembleia, chamamos a pessoa, o conselho se desloca para um conclave, e nesse momento anuncia a pessoa que foi retida para as tassinous. As tassinous, se elas concordam, chamamos a pessoa e em reunião pronunciamos o veredicto: “Como o quê, o dia tal data, tal hora, o céu nos deu um substituto de Chachá. Ele será entronizado mais tarde, é tal pessoa”.⁵

MG - Esse é o processo de escolha. Depois têm as cerimônias. De onde vem esse momento que deu a ideia que é preciso ir ao túmulo fazer essa reza e não outra. Foi Berthé?

NS - Não, é o conselho.

MG - E o conselho busca essas ideias com os velhos mais velhos que conheceram o outro Chachá?

NS - Exatamente, é isso. Sou eu mesmo que fui diante do nosso bispo para lhe dizer que o momento tinha chegado para que escolhêssemos um representante, e ele me perguntou quem escolhemos. Não sabemos nada, é preciso que ele reze.

MG - Foi em 1994.

NS - Para que o Espírito Santo nos dê um Mitô. Ele me perguntou qual era a pessoa. Eu disse a ele que viemos vê-lo para que ele reze por nós, pela família, que o Espírito Santo nos dê um Mitô. Então, nós partimos à Lomé para ver nossos irmãos de lá, porque o Mitô residia lá.

Continuação

MG - Nossa entrevista com Noël de Souza. A foto número 7 representa o Chachá de pé, do lado do trono, ladeado de elefantes e duas jovens bem vestidas. O que é que o senhor pode me dizer sobre essa foto aí?

⁵ Na margem esquerda há uma anotação do pesquisador: “escolha de Chachá”.

NS - Para falar das duas jovens que o cercam, vestidas como brasileiras, é para mostrar ao povo que a família De Souza veio diretamente do Brasil, que eles são verdadeiros brasileiros. Elas estão vestidas com roupas brasileiras.⁶

MG - Com chapéus, vestidos longos.

NS - E ainda, coisa curiosa, as duas jovens são gêmeas. Então, é para simbolizar os gêmeos são adorados em certas famílias, é para simbolizar as cerimônias que escolhemos as duas gêmeas aí, para enquadrar o Mitô.

MG - Quer dizer que a família De Souza é tão poderosa que tem até gêmeas para ladear o Mitô. As futuras *tassinou*. Elas são um pouco [?]. Ele, ele usa chapéu de Chachá, ele tem também um pequeno boné.

NS - Sim, porque é o hábito que Dom Francisco mesmo usava, é somente para imitá-lo, para dar um peso mais pesado, vendo a foto do próprio Chachá, para comparar com Mitô, veremos que é parecida com a vestimenta que usava Chachá.

MG - E Chachá, ele é simbolizado pelos dois elefantes. É isso mesmo?

NS - Sim, ele é forte como um elefante.

MG - Eu passo à última foto. Ela mostra várias mulheres que se deslocam para Singbomey. Algumas são mais claras que outras, vemos a diferença na foto, os tons de pele entre os De Souza. Elas são *tassinous*?

NS - Sim.

MG - O senhor pode me dizer o nome das mulheres que estão nas duas primeiras filas?

NS - Essa aqui é a filha de nossa decana, a *tassinou*.

MG - É a mais clara, a filha da Berthé.

NS - Sim .

MG - Como ela se chama?

NS - Henriette Leroux.

MG - Ela não é casada ainda?

NS - Sim, ela é casada. Bom, a segunda...

MG - Aquela que está no meio.

NS - Sim, ela se chama Hortense de Souza. A terceira se chama Generosa de Souza.

MG - O segundo ângulo. O senhor conhece essa daqui?

⁶ Na margem esquerda está anotado: “Verdadeiros brasileiros”.

NS - Hum...

MG - Certamente que o senhor conhece, mas a foto é pequena. É simplesmente para ter uma ideia. Isso é o deslocamento de dia. Bom, Sr. Noël, eu discuti tanto que eu tenho medo de cansar o senhor. É tão bom discutir com o senhor, o senhor diz coisas muito importantes. Podemos continuar um pouco. Tem alguma coisa na cerimônia sobre a qual o senhor queira chamar a atenção ainda? Um momento do dia que o senhor achou, para a família, para o destino da família de Souza?

NS - Euh... Apenas, é verdade que esse dia aí tinha muita gente, vindo de todo lado. O que eu posso dizer ainda é que depois das cerimônias usuais, o Mitô vai dar três voltas na concessão. É a parte da cerimônia que cada um de nós deve perguntar o porquê dessas voltas aí. Posto que o Mitô está investido de todos os poderes, lhe demos o chapéu, a chave da casa, a *récade* de comando. Então, agora, ele deve sair para fazer a volta da concessão, onde ele quiser começar.

MG - Ele não fez três voltas, mas uma.

NS - Aquele dia estava quente, tinha muito sol, normalmente ele deve ser levado em uma rede.⁷ Então, como não tínhamos uma rede nesse momento, preferimos passeá-lo em uma caminhonete descoberta. Então, é por isso que ele ficou de pé com o guarda-sol, e nós, os outros, fizemos a volta com ele, a caminhonete lentamente, então, ao invés de três voltas, fizemos uma só, pois estava muito quente, tinha um mundo! Então, isso é tolerável.

MG - Isso não muda nada. Primeiro tem uma coisa que me apareceu na cabeça, o senhor me disse que os Souza são 500 mil, aproximadamente, um meio milhão, entre o Togo e o Benim. Como o senhor chegou nesse número?

MG - Não. Depois, quando o senhor partiu, eu refleti o número que eu tinha dito e era muito elevado. Pois que eu sei que aproximadamente, aqui no Benim, com o pouco que nós gravamos, pelo momento temos 10 mil.

MG - Isso pode chegar facilmente a 20 mil.

NS - E no Togo, podemos ir de 5 a 10 mil.

MG - Isso faz a maior família do mundo?

NS - A maior do Benim mesmo.

MG - Sim, mesmo na África, é enorme como descendência.

NS - Sim.

⁷ Na margem esquerda está anotado: "Passeio na rede".

MG - Chachá trabalhou bastante. Fora isso, ele fez muitas coisas remarcáveis. Ele transformou Adandozan, o rei do Abomé. Por sua causa, Adandozan fez coisas estranhas mesmo.

NS - Sim.

MG - Quando ele encontrou Chachá diante dele, ele caiu.

NS - É por isso que o apelidaram de Vokoliko, os elefantes. Isso vem de lá.

MG - A hiena não pode nada contra o elefante.

NS - Isso aí.

MG - Sr. Noël, estou muito contente de conversar com o senhor, eu estarei aqui. O senhor me convidou para a reunião de família, eu estarei lá.